

# SIWËTTÊT: RESISTÊNCIA INDÍGENA E OS MUNDOS POSSÍVEIS

Edgar Kanaykõ Xakriabá<sup>1</sup>

*“Temos que ter cuidado, pois uma foto é uma imagem”  
(Pajé Vicente Xakriabá)*

Antes mesmo da invasão de nossos territórios, nossos antepassados (os tronco-velhos), alertavam sobre o “tempo de agora” que também não é de hoje.

Os povos indígenas no Brasil vêm ao longo dos últimos tempos passando por uma nova retomada de espaço. Assim como o território é a base da garantia da manutenção da vida de um povo - bem como de nossas identidades, da continuação de ser o que somos -, há uma certa necessidade de se ter uma maneira que garanta tal sustento. Dentre diversos meios e possibilidades, surge uma nova ferramenta de luta, o audiovisual, especificamente a imagem fotográfica, vista por muitas comunidades indígenas como um “mal necessário”. De um lado, a chegada dessas novas tecnologias é vista como uma má influência na cultura do povo; por outro lado, há um certo desejo para que se use esta nova “arma” a favor da luta e da garantia dos direitos dos povos indígenas.

Podemos dizer, então, que, para fotógrafos e cineastas indígenas, capturar imagens está estritamente ligado aos modos de vida, às visões de mundos de cada povo. Sendo a terra como a base de tudo. O território para os povos indígenas é crucial para manter as relações que se conectam à *terra floresta*, onde as coisas estão interconectadas desde o plantio, colheita das roças, caça, os rios, objetos, artesanatos, cerâmicas, *nas coisas nossas e dos “brancos”*, dos humanos e não humanos, de todas as possibilidades de relações que são criadas e suas ontologias.

Os símbolos, as representações por meio de imagens, pinturas corporais, adornos, enfeites, os sons, os cantos e a musicalidade são primordiais nas diversas culturas indígenas. Porém, sua compreensão pode não ser tão simples para quem “vê de fora”, já que estão carregados de (re)interpretações próprias e significados específicos a partir dos próprios modos culturais. Tal modo de ver, perceber e enxergar as coisas é uma excelência, por assim dizer, das práticas indígenas, nas quais essas coisas estão estritamente ligadas aos aprendizados e aos modos de produzir conhecimentos.

---

<sup>1</sup> Edgar Kanaykõ Xakriabá, pertence ao povo indígena Xakriabá (MG). É mestre em Antropologia pela UFMG. Tem atuação livre na área de Etnofotografia: “um meio de registrar aspecto da cultura - a vida de um povo”. Nas lentes dele, a fotografia torna-se uma nova “ferramenta” de luta, possibilitando ao “outro” ver com outro olhar aquilo que um povo indígena é. Doutorando em Antropologia (PPGAS/UFRGS – Bolsista CAPES), membro do GEAFro – Grupo de Estudos Afro (NEAB/UFRGS) e capoeirista da *Áfricanamente Escola de Capoeira Angola*.

Minha trajetória enquanto indígena do povo Xakriabá e ao mesmo tempo fotógrafo está pautada neste emaranhado de relações, no qual venho me desenvolvendo ao longo deste trabalho com a imagem. A Etnofotografia, neste sentido, possibilita relações com o povo, e isso influencia direta e indiretamente nos processos de captura de imagem, que estão para além daquilo que o olho (fotográfico) pode ver.

Uma das principais pautas se dá diante do movimento indígena, que tem como objetivo central a luta pela garantia de direitos historicamente usurpados pelo Estado, no qual a luta pelo território constitui uma reivindicação fundamental. Além do atual cenário em que o mundo está vivendo por conta da pandemia do novo coronavírus (Covid-19), no Brasil os povos indígenas vivem um drama pautado pelas políticas de extermínio da natureza e dos povos tradicionais que nela habitam pelo governo. Diante de tudo isso, os povos indígenas mais uma vez enfrentam a luta frente a um genocídio iminente, onde se matam corpos, sabedoria, humanos, não-humanos, a natureza e a cultura em nome de um sistema (capitalista) que se mostra cada vez mais fadado ao fracasso.

Faz-se cada vez mais necessário reconhecer e valorizar os diferentes modos de perceber o mundo, pois o que move a humanidade não é a “igualdade” e sim a diversidade. Sendo assim, os povos indígenas se mostram cada vez mais necessários para recontar a História, entre passado, presente e principalmente o futuro deste planeta, utilizando como ferramenta para moldá-la a imagem fotográfica a partir desta diversidade de olhares que atravessam a lente. A cada dia os povos indígenas reexistem junto à luta por território, pois a terra é a base de toda cultura/natureza, entre gente, bichos e espíritos.

Trazemos nas artes parte daquilo que somos.

Por muito tempo vivemos o ponto forte da oralidade,

Hoje ela se fortalece com a escrita

E se embeleza com a imagem.

A fotografia atravessa os olhos dos povos indígenas,

A imagem revela o ser, fortalece o saber e, principalmente, ensina a aprender.

Eu sou indígena que veio ao mundo para lutar.

Vivo de um olhar inspirado por meus antepassados e daqueles que um dia irão chegar. Eu sou o sonho que almeja mundos possíveis.





























